



Trocas de saberes e processo educativo na pesquisa-ação: notas de uma experiência com agricultoras da comunidade Barro - Serrinha- Bahia
Exchange of knowledge and educational process in action-research: notes from an experience with farmers from the Barro - Serrinha-Bahia community

SOUZA, Edeilson Brito de¹; JESUS, Dariele Francisca Oliveira de²; SANTOS, Glauciane Pereira dos³; MARQUES, Carla Teresa dos Santos⁴; SOUZA, Heron Ferreira⁵

¹Instituto Federal Baiano, *Campus Serrinha*, edeilsonbritoibs@gmail.com; ²Instituto Federal Baiano, *Campus Serrinha*, darieleoliveira016017@hotmail.com; ³Instituto Federal Baiano, *Campus Serrinha*, glauciane2611@gmail.com; ⁴Instituto Federal Baiano, *Campus Serrinha*, carlamarques.ifbaianoserrinha@gmail.com; ⁵Instituto Federal Baiano, *Campus Serrinha*, heronifbaiano@gmail.com.

Eixo temático: Construção do Conhecimento Agroecológico e Dinâmicas Comunitárias

Resumo: Trocas de saberes são processos dialógicos, participativos, humanizantes e educativos para os sujeitos envolvidos, sendo fundamental para a re-produção dos saberes agroecológicos entre agricultores(as), estudantes e professores extensionistas. Este artigo é fruto de um projeto desenvolvido na comunidade Barro, Serrinha-Ba no semiárido baiano, através da pesquisa-ação. O diagnóstico consistiu em rodas de conversas e visitas às propriedades dos agricultores; a intervenção educativa deu-se por meio de intercâmbios de experiências e oficinas temáticas. Objetiva-se aqui discorrer como as trocas de saberes permearam positivamente as ações do projeto e compreender sua importância na dinâmica comunitária, possibilitando a construção coletiva de conhecimentos/saberes e ações sinérgicas de des-envolvimento comunitário. Ficou evidente que as trocas de saberes tencionaram a reflexão problematizadora e crítica da realidade, proporcionando conhecimentos mais calcados na “racionalidade ambiental”.

Palavras-chave: Agroecologia; Saberes Agroecológicos; Semiárido.

Keywords: Agroecology; Agroecological Knowledge; Semi-arid.

Introdução

A agroecologia, dentre a sua diversa gama de conceitos, pode ser compreendida como uma agricultura sustentável que preserva os ecossistemas naturais, oferecendo suporte técnico, metodológico e prático para construção de agroecossistemas sustentáveis (ALTIERI, 2012). Paralelamente, é possível pensar a agroecologia numa perspectiva sociológica dando aporte às ações sociais coletivas vinculadas aos recursos naturais, buscando compreender toda complexidade de processos, biológicos, socioeconômicos e políticos (GUZMÁN, 2002).

Considerando a realidade brasileira, a sociobiodiversidade nos diferentes biomas e ecossistemas reflete uma riqueza de processos socioculturais na dinâmica de produção da vida material a partir da relação dos grupos sociais com a natureza, mas também envolvem as contradições emergidas das racionalidades políticas e Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



econômicas, materializadas nas políticas públicas de desenvolvimento, sobretudo, nos séculos XX e XXI, e a forma como o rural e os recursos naturais (terra, água, floresta, recursos minerais) foram e são vistos pelos agentes econômicos e políticos. Nesse contexto, destaca-se a função social dos agricultores familiares camponeses (em sua sociodiversidade) na dinâmica agroalimentar e na preservação dos recursos naturais. Portanto, seus saberes historicamente construídos e a resistência de seu saber-fazer agroecológico - passados de geração a geração e/ou adquiridos a partir da prática cotidiana, frutos das experiências (coletivas) de experimentação - refletem um modo de vida, um movimento social e político, cujo conflito dá-se com os pressupostos “modernizantes” da agricultura industrializada, próprios do modelo produtivista e dependente do agronegócio.

Algumas estratégias de resistências ao modelo predatório do agronegócio têm se dado de forma mais enfática através de ações desenvolvidas com o objetivo de preservar os recursos coletivos, como banco de sementes e outras tecnologias sociais, o que têm fortalecido e valorizado os conhecimentos locais ao passo que “resgata” a diversidade biológica local, “são também recuperados saberes, espaços socioculturais, ritos, mitos e significados que ficaram enterrados na história”, as etnociências tem uma papel fundamental nesse processo de valorização dos saberes, destaca-se aqui a etnobiologia (DREMISKI, 2016, p. 422-423).

Esse processo de luta e resistência dos povos do campo em torno da (re)produção de modos de vida (auto)sustentável fortalece-se a partir de sua articulação com os princípios da economia solidária, enquanto forma de organização do trabalho e da produção, atrelada a valorização do trabalho associado e trocas de experiências solidárias entre os sujeitos, também calcada na autonomia, empoderamento, participação e autogestão dos homens e mulheres trabalhadores (SINGER, 2001; 2002a; 2003).

Este artigo objetiva apresentar uma síntese e discussão acerca das experiências com as trocas de saberes, procurando mostrar como estas trocas são de fundamental importância na re-construção de conhecimentos a partir das relações entre os sujeitos envolvidos no processo de pesquisa-ação - agricultores(as), estudantes e professores - intitulado “Fomento das práticas agroecológicas com os agricultores familiares da comunidade Barro, município de Serrinha-Ba”. Além disso, buscar-se-á analisar a relevância das trocas de saberes para a construção coletiva de conhecimento/saberes e ações sinérgicas ao des-envolvimento comunitário.

Metodologia

Este trabalho foi desenvolvido na comunidade Barro, município de Serrinha - Bahia que está inserido na região semiárida e no território do Sisal. Na referida comunidade predomina a produção de hortaliças orgânicas e agricultura familiar, os cultivos são conduzidos geralmente em pequenas propriedades, normalmente nos quintais, apresentando grande diversidade biológica.



Participaram da pesquisa-ação educativa em média 20 agricultoras com idade entre 20 a 60 anos. Em alguns momentos tivemos a participação de homens, mas o grupo pactuado para o desenvolvimento das ações foi efetivamente de mulheres.

Desta forma, a pesquisa delineou-se enquanto pesquisa-ação cujas fases foram o diagnóstico, planejamento, execução e avaliação. A fase de diagnóstico foi realizada por meio de rodas de conversas, caminhadas guiadas pela comunidade e visita às propriedades.

As rodas de conversa são, segundo Sampaio (2014), encontros de diálogos, espaços de produção e ressignificação dos saberes sobre suas experiências, promovendo críticas e reflexões acerca da realidade vivenciada.

A partir da discussão dos dados produzidos durante o diagnóstico com as agricultoras foram proposto e planejado: a) dois intercâmbios de experiências - o primeiro ao Sistema PAIS (Sistema de Produção Agroecológica Integrada e Sustentável no campus do IF Baiano) e o segundo a um banco de sementes; e b) a realização de oficinas na associação cujas temáticas foram armazenamento e conservação de sementes crioulas, conservação do solo, autogestão do banco de sementes, bioinseticidas e biofertilizantes.

A avaliação foi feita processualmente no decorrer das ações, buscando identificar os efeitos das discussões nas práticas, percepções e valores das agricultoras.

Resultados e Discussão

Faremos nesta seção uma discussão das ações do projeto, destacando as percepções dos sujeitos (pesquisadores e agricultores), como as trocas de saberes foram importantes nas ações desenvolvidas e a importância que tem a valorização desses conhecimentos, relacionando a agroecologia numa perspectiva social.

Durante uma das atividades de intercâmbio percebeu-se o envolvimento dos participantes em compartilharem espécies de plantas medicinais (saberes relacionados aos seus usos), sementes e experiências associadas ao manejo da produção e a conservação dos recursos naturais cada vez mais escassos. Assim, abre-se uma discussão daquilo que a agroecologia enquanto ciência e modo de vida propõem: a discussão acerca dos métodos e práticas de manejo dos recursos naturais, dialogando com o conhecimento, seja ele de nível científico ou empírico (GUZMÁN, 2002).

No segundo intercâmbio (ao banco de sementes da comunidade vizinha) objetivou-se também dialogar e trocar experiências sobre a importância da associação para a organização social e construção de alternativas e luta por direitos sociais. Assim, diante dos diálogos entre os agricultores das duas comunidades, os agricultores da comunidade do Barro despertaram-se para a necessidade de implantação de um banco comunitário de sementes para preservar as sementes crioulas que os

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



agricultores ainda produzem e também contribuir para o maior enlace entre os associados e a comunidade.

A ideia de levá-los a um banco de sementes da comunidade vizinha surge como possibilidade de problematizar as experiências locais, tencionando-os a refletirem:

"Se na comunidade vizinha tem um banco de sementes porque na minha comunidade não pode ter?"

"O que podemos aprender problematizar e ressignificar a partir das vivências no âmbito da associação comunitária da outra comunidade?"

Para mediar o intercâmbio, uma agricultora da comunidade fez uma roda de conversa em que ela relatou a história da associação comunitária, os processos de lutas, conquistas, desafios e experiências vivenciadas no âmbito da organização comunitária e da estruturação da associação comunitária. Também explicou como surgiu a necessidade de construção do banco de sementes, o que este representou em momentos economicamente difíceis para as famílias. Enfim, foram explicitadas as funções de um banco de sementes, sanando as dúvidas dos participantes e propiciando a troca de experiências entre eles.

As experiências trocadas nessa atividade possibilitaram às agricultoras da comunidade Barro problematizar as questões sociais e produtivas locais fortemente marcadas pela desunião entre os agricultores. Após o intercâmbio demandas foram surgindo a partir deles, como por exemplo, o anseio e articulação para a construção de um banco comunitário de sementes e mais tarde uma feira agroecológica na própria comunidade, não apenas como espaço de comercialização, mas também de troca, confraternização, encontro, cultura.

Ambos os intercâmbios possuíram pontos norteadores de discussão: o trabalho coletivo, solidariedade, agroecologia e troca de saberes. Em avaliação com a comunidade percebeu-se que tais atividades permitiram a problematização da realidade, percebendo a partir das vivências delas o que reconheciam enquanto fragilidades e potencialidades na associação comunitária.

Nas visitas às propriedades dos (as) agricultores (as), pudemos perceber em que medida suas práticas estão baseadas nos princípios agroecológicos, quais os saberes resultados da experiência, da experimentação ou mesmo da troca entre gerações. Também foi possível perceber quais os entraves e dificuldades enfrentadas no manejo agrícola. Assim traçamos metas junto com a comunidade com as possíveis temáticas a serem trabalhadas nas oficinas. Foram projetadas e realizadas 4 oficinas: armazenamento e conservação de sementes crioulas; manejo do solo; bioinseticidas e biofertilizantes e autogestão do banco de sementes.

Muitas das experiências discutidas nas oficinas os(as) agricultores(as) já praticavam porém, não detinha o saber científico sobre o porquê. Isso ficou evidente quando uma agricultora afirmou que seus pais guardavam o feijão com óleo ou com areia mas não sabia a eficácia de tais métodos. Para valorizar estes conhecimentos, as oficinas Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



começavam sempre com perguntas provocativas de discussão acerca do tema, sempre buscando partir dos saberes e experiências das agricultoras.

Uma agricultora havia testado uma receita de bioinseticida de Nin (*Azadirachta indica*) em sua propriedade e percebeu que não foi eficaz no combate à lagarta, no entanto outra agricultora testou a mesma receita e combateu a mesma “praga”. Diante do problema, começaram a dialogar como fizeram a receita e descobriram que a segunda agricultora havia macerado as folhas enquanto a primeira colocou as folhas inteiras. Isso evidencia que as trocas de saberes propiciam novos conhecimentos para os sujeitos envolvidos no processo. Outro fato que chamou a atenção era que quando os (as) agricultores (as) perguntavam algo os(as) outros(as) agricultores(as) sentiam a necessidade de responder e compartilhar suas experiências, iniciando assim diálogos muito ricos.

Na última oficina, além da formação do banco de sementes, a comunidade se comprometeu a criar uma feira comunitária e reuniões para troca de produtos e experiências, mostrando que as ações desenvolvidas foram significativas na problematização da realidade dos sujeitos, vale ressaltar que a feira já está sendo executada pelos sujeitos.

Portanto, as experiências de trocas de saberes exposta mostram que o projeto proporcionou a problematização do viver e produzir no campo, reconhecendo a importância dos princípios agroecológicos e da economia solidária contextualizada com a dinâmica da convivência com o semiárido e pensando o desenvolvimento comunitário enquanto engajamento dos sujeitos em torno de questões de interesse comum - no caso em específico, o fortalecimento da associação através das práticas agroecológicas e da solidariedade.

Conclusões

Percebe-se claramente a importância da intervenção-ação educativa calçada nas trocas de saberes como ferramenta para o desenvolvimento das comunidades e das associações, fomentando mudanças nas percepções entre os(as) agricultores(as) quanto às questões de ordem social, técnica, econômica, ambiental, produtivas e outras que permeiam o cotidiano dos indivíduos. Não se trata, portanto de substituir os saberes tradicionais, mas, pelo contrário, valorizá-los e ressignificá-los. Unindo este saber empírico com o científico é possível promover mudanças significativas nos sujeitos e promover processos sociais mais solidários. Ações pautadas nas trocas de saberes fortalecem os laços solidários e de união, reunindo os sujeitos em prol do bem comum. Esperamos que as experiências aqui descritas, especialmente as troca de saberes, sirvam de inspiração, motivação e aporte metodológico ao lidar com trabalhos dessa natureza e outros que venham a beneficiar-se dessas trocas.

Referências bibliográficas

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.

XI CBA
Congresso
Brasileiro de
Agroecologia
Ecologia de Saberes:
Ciência, Cultura e Arte na
Democratização dos
Sistemas Agroalimentares



ALTIERE, Miguel. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. 3ed. São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012.

DREMISKI, J. L. **A Projeção Jurídica e Comunitária das Sementes Crioulas e Seus Conhecimentos Tradicionais Associados**. In: MAZIN, A. D; PIRES, J. H.; LOPES, J. A.; NOVAES, H. (Org.) **Questão Agrária, Cooperação e Agroecologia**. 2 ed. São Paulo: Outras Expressões, 2016.

GUZMÁN, E. S. **A Perspectiva Sociológica em Agroecologia: uma sistematização de seus métodos e técnicas**. v. 3, n. 1. Porto Alegre, 2002.

LEFF, H. **Agroecologia e Saber Ambiental**. V. 3, Porto Alegre 2002.

MACHADO, FILHO. **A dialética da agroecologia: Contribuições para um mundo sem veneno**. 1 ed, São Paulo: Expressão Popular, 2014.

SINGER, Paul. **A recente ressurreição da economia solidária no Brasil**. In: SANTOS, B. de S.S. et al. **Produzir para viver: os caminhos da produção não-capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002a.

SOUZA, Maria Luiza de. **Desenvolvimento Comunitário e Participação**. 8a. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002b.